O ESTRANHO/ESTRANGEIRO
DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

Gabrielle da Silva FORSTER
Vera Lúcia LENZ
(Universidade Federal de Santa Maria)

RESUMO: A literatura de Caio Fernando Abreu explora na tessitura do texto um espaço que pode ser compreendido como o dos grandes centros urbanos e assim ilumina a sociedade massificada que ao apostar na aparência e nos estereótipos, objetaliza o sujeito em atitudes mecanizadas que impedem sua transcendência pessoal. Como apenas uma parte da construção da subjetividade é guiada pelo sujeito, o contexto é de suma importância, pois a outra parte se produz na interação com esse. Nesse sentido, o presente trabalho visa observar a repercussão do contexto pós-moderno em alguns contos de CFA, objetivando desvelar que a tentativa de buscar a identidade, num tempo em que já se duvida que haja lugar para esse encontro, é marcada pela busca da diferença, pelo desmascaramento da padronização imposta que implica na construção de um sujeito despersonalizado, incapaz de expressar-se e de ser por meio de uma identidade uma e pré-determinada.

PALAVRAS-CHAVE: Caio Fernando Abreu; Pós-Modernidade; Contos.

ABSTRACT: Caio Fernando Abreu's literature explores within the text's framework a space that can be understood as related to the large urban centers and, therefore, he illuminates a massified society that is attracted by appearance and stereotypes making the individual an object of mechanized attitudes which prevent his personal transcendence. As only one part of the construction of the subjectivity is guided by the individual, context is of utter relevance since the other part is produced in the interaction with it. In this sense, this work aims at observing the effect of the postmodern context in some of Abreu's short stories with the objective of unveiling that the attempt of searching identity, is uncertain, marked by difference, by an imposed pattern that implies the construction
of a depersonalized individual, incapable of expressing himself and of being someone through a predetermined and unified identity.

KEYWORDS: Caio Fernando Abreu; Postmodernity; Short stories.

Ao quadro de angústia e repressão, oriundo do período ditatorial brasileiro e das sobras deste momento inscritas no interior dos indivíduos ficcionais, soma-se o fato de os personagens de Caio Fernando Abreu estarem imersos no mundo tardimoderno, norteado pela lógica da globalização e pelos códigos do capitalismo tardio, no qual toda a qualidade sensível das coisas é substituída pela noção de quantidade. Esse contexto, denominado modernidade líquida (Zygmun B. Bauman), “estado final moderno (Giddens), segundo estado moderno (Beck), supramoderno (Balandier) ou pós-moderno” (BAUMAN, 1999, p.68), embora possua características próprias que serão mapeadas no decorrer deste texto e que em muitos aspectos se opõem ao passado, ele não pode ser precisamente datado e deve ser compreendido como continuidade e não ruptura, pois

1 A repercussão do contexto ditatorial brasileiro na obra de Caio Fernando Abreu é um viés de análise recorrente tanto em teses e dissertações que estudam a sua obra, como em textos mais curtos. Esta perspectiva de leitura também foi explorada no capítulo quatro de minha dissertação – “outro ponto de observação” (BAUMAN, 1999, p.287).

2 No entanto, na perspectiva moderna reflexiva, segundo Anthony Giddens, Scott Lash e Ulrich Beck no prefácio de Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna: “a prolongada discussão sobre modernidade versus pós-modernidade tornou-se cansativa e, assim como muitas discussões desse tipo, acabou resultando pouco produtiva. A ideia da modernização reflexiva, independente de se usar ou não esse termo como tal, rompe com as amarras em que essas discussões tenderam a manter a inovação conceitual (BECK; GIDDENS; LASH, 1997, p.7).

3 “O que é realmente novo na nossa atual situação, em outras palavras, é o nosso ponto de observação” (BAUMAN, 1999, p.288). Atualmente sabe-se que a tentativa moderna de romper com toda a forma de ambivalência foi fadada ao fracasso, assim como a crença cega no progresso, nas verdades absolutas proporcionadas pela ciência e na objetividade teleológica da História. Por isso, a “pós-modernidade é a modernidade que admitiu a impraticabilidade de seu projeto original. A pós-modernidade é a modernidade reconstruída com sua própria impossibilidade — e decidida, por

4 Seguindo a mesma linha de pensamento, Anthony Giddens afirma que “nós não nos deslocamos para além da modernidade, porém estamos vivendo precisamente através de uma fase de sua radicalização” (GIDDENS, 1991, p.57).

5 “As certezas não passam de hipóteses, as histórias não passam de construções, as verdades são apenas estações temporárias numa estrada que sempre leva adiante, mas nunca acaba” (BAUMAN, 1999, p.190).

6 “A ciência perdeu boa parte da aura de autoridade que um dia possuia. De certa forma, isso provavelmente é resultado da desilusão com os benefícios que, associados à tecnologia, ela alega ter trazido para a humanidade. Duas guerras mundiais, a invenção de armas de guerra terrivelmente destrutivas, a crise ecológica global e outros desenvolvimentos do presente século poderiam esforçar o azar até dos mais otimistas defensores do progresso por meio da investigação científica desenfreada (GIDDENS, 1997, p.109).
bem ou por mal, a viver com ela” (BAUMAN, 1999b, p.110). Abaladas todas as certezas nos movemos num terreno incerto, de contingência, mas com a possibilidade proporcionada pela distância de refletir conscientemente o que até então foi feito, compreendendo a falibilidade do projeto inicial, lutando com suas repercussões nocivas e buscando então, novos caminhos a serem trilhados.

Nesse contexto, a pluralidade e a ambigüidade do mundo ganham terreno e a personalidade é exacerbada, libertada ao extremo. Tudo passa a depender unicamente do indivíduo, que não encontra no exterior nada que possa culpar por seu fracasso. Devido à fragmentação das funções, o sujeito habita muitos lugares e nenhum. O ambiente externo não mais define autoritariamente os papéis e ele não consegue mais conectar-se com arquétipos recorrentes, familiares ou sociais, pois “as categorias não bastam agora para a auto identificação, que só pode ser alcançada sob a forma de caráter pessoal e único” (BAUMAN, 1999b, p.212). O múltiplo o habita e o indivíduo pode escolher muitas opções disponíveis na bandeja da vida. A construção de sua identidade transforma-se num projeto incabulado, por se fazer constantemente e é somente dele que passa a depender sua realização, já que

as oportunidades, ameaças, ambivalências da biografia, que anteriormente era possível superar em um grupo familiar, na comunidade da aldeia ou se recorrendo a uma classe ou grupo social, devem ser cada vez mais percebidas, interpretadas e resolvidas pelos próprios indivíduos. Certamente, ainda podem ser encontradas famílias, mas a família nuclear está se tornando uma instituição cada vez mais rara. Há desigualdades crescentes, mas as desigualdades e a consciência de classe perderam sua posição central na sociedade. E mesmo o eu (self) não é mais o eu inequívoco, mas se tornou fragmentado em discursos fragmentados do eu (BECK, 1997, p.18-19).

Pelo fato de poder transitar por muitas esferas da vida, lugares e subsistemas funcionais, não podendo identificar-se totalmente com nenhum ponto exterior, o indivíduo torna-se deslocado, um estranho ao mesmo tempo para si mesmo, reconhecendo que o “fato de ‘ser um estranho’ é vivido, em graus variados, por todos os membros da sociedade contemporânea, com sua extrema divisão do trabalho e a separação de esferas funcionalmente separadas” (BAUMAN, 1999b, p.106). Além disso, a legitimação da diversidade do mundo é aprovada pelo mercado. O indivíduo tem liberdade para escolher o que quer ser, ou seja, em termos de consumo, o que deve vestir; comprar, como deve se doar, comer, amar, amar a vida. Dançar? Praticar esportes? Fumar? São tantas possibilidades e os sistemas peritos se desdobram lhe oferecendo conforto, rapidez, praticidade para escolher as alternativas antes que elas tenham se tornado passado. Você pode comprar até sua própria sanidade estimulada pelo desabafar com um estranho, que não há mais amigos neste universal. No entanto,

a liberdade é tão truncada quanto antes – embora as partes do seu corpo agora amputadas sejam diferentes daquelas removidas no passado. Na prática pós-moderna, a liberdade se reduz à opção de consumo. Para desfrutá-la é preciso antes de mais nada ser um consumidor. Essa condição preliminar deixa milhões de fora. Como em toda a era moderna, no mundo pós-moderno, a pobreza desqualifica (BAUMAN, 1999b, p.289-290).

Se apenas alguns podem escolher, as escolhas são determinadas pela quantidade de capital que se possui e estimuladas pelos meios de comunicação midiáticos, a pseudoliberalidade, indisponível a muitos, só pode gerar insatisfação. Dos que não tem a “aparência certa” e dos que não podem comprá-la. Na verdade, ao procurar no fetiche do objeto o essencial subjetivo esquecemos o insaciável de nossa busca que se torna inconsolável, pois ninguém pode obter por muito tempo o efêmero substitutível. Nosso affaire se torna então sinônimo de comprar, sempre. Compramos o que podemos, mas compramos, pois “a maneira como a sociedade atual molda seus membros é ditada primeiro e acima de tudo pelo dever de desempenhar o papel do consumidor” (BAUMAN, 1999a, p.88).
Nossa sociedade se exprime no espetáculo que a imagem dominam, mas porque e principalmente, as relações inter-humanas são mediatizadas por imagens. O homem aqui é um produtor que se faz produtor e o vazio de cada um é preenchido com a contemplação e com o consumo. A insatisfação torna-se o maior aliado da produção e não se compram apenas objetos que valem por sua estética e não pelo valor de uso, mas também personalidades, que se definem pelos objetos que possuem, pelas imagens que encerram nas escolhas compradas. Por meio da mercantilização da vida social tudo vira mercadoria e nos tornamos espectadores da vida. Submissos a lei ditatorial do mercado importamos sonhos, estilos de vida, padrões de beleza, formas de relacionamento e de felicidade, pensando que as escolhas são nossas e sem levar em consideração que “num mundo realmente invertido, o verdadeiro é um momento do falso” (DEBORD, 2003, p.16).

Contaminados pela representação, a realidade se esvanece, o viver é substituído por ver e tudo nos atinge sob a forma de espetáculo. O diálogo cede lugar à comunicação espetacular que domina todas as esferas sociais, forjando valores, pois as “massas de homens na cidade estão sujeitas à manipulação por símbolos e estereótipos cometidos por indivíduos operando de longe, ou invisivelmente por trás dos bastidores, através do controle dos meios de comunicação” (WHIRT, 1987, p.111). Os produtos constantemente criados servem para preencher momentaneamente nossa insatisfação que é ditada pela possibilidade de substituição constante dos objetos que perdem o valor assim que são possuídos. E os modelos de vida e de identidade são personalizadores na imagem das celebridades, ressaltando sempre a importância de aparecer, pois no reino das imagens a aparência é fundamental, posto que “considerando segundo os seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência” (DEBORD, 2003, p.19). A realidade é o próprio signo imagético e desejamos as “coisas desejáveis”, que já estão moldadas. Como afirma Debord:

a alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age parece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhos presenta (DEBORD, 2003, p.26).

Nosso condicionamento é apenas as escolhas que compramos. E só escolhemos entre as padrtronizações disponíveis. Certamente não nos vestiremos com o figurino do século passado, nossa casa se encontrará atulhada de facilidades tecnológicas e dificilmente trocaremos o carro pela bicicleta mesmo em meio há um trânsito cada vez mais caótico e paralisado, nossa alimentação se tornará balanceada segundo o que nos revelam ser saudável e até mesmo necessidade de desenvolvermos uma consciência ecológica passou a ser encontrada em propaganda de um planeta “mais limpo e saudável”. No entanto, “na sociedade pós-moderna de consumo o fracaso redonda em culpa e vergonha, não em protesto político” (BAUMAN, 1999b, p.276). Se algo sair errado, a culpa é unicamente sua! seria o slogan do momento, porque

7 “A individualização não é baseada na livre decisão dos indivíduos. Usando a expressão de Sartre, as pessoas são condenadas à individualização. A individualização é uma compulsão, mas uma compulsão pela fabricação, o autopropaganda e a auto-represenstação, não apenas da própria biografia, mas também de seus compromissos e articulações à medida que as fases da vida mudam, porém, evidentemente, sob as condições gerais e os modelos do welfare state, tais como o sistema educacional (adquirindo certificados), o mercado de trabalho e a regra social, o mercado imobiliário e assim por diante. Mesmo as tradições do casamento e da família estão se tornando dependentes de processos decisorios, e todas as suas contradições devem ser experimentadas como riscos pessoais” (BECK, 1997, p.26).
hoje em dia, espera-se que os indivíduos dominem essas “oportunidades arriscadas”, sem serem capazes, em razão da complexidade da sociedade moderna, de tomar as decisões necessárias em uma base bem fundamentada e responsável, ou seja, considerando as possíveis consequências (BECK, 1997, p.19).

Por isso, é preciso confiar nos sistemas peritos e nas pesquisas científicas desenvolvidas por estes, mas estas são submissas ao utilitarismo econômico e militar e por isso mesmo carentes de certeza que não aquelas ancoradas no poder específico. Na nossa sociedade atual, que Ulrich Beck denomina “sociedade de risco”, pelo fato de ela conter a possibilidade de guerras mundiais, de uma catástrofe nuclear ou de desastres ecológicos que envolveria a todos, sem exceções, tudo é questionado e se modifica constantemente:

a sociedade de risco é tendencialmente também uma sociedade autocritica. Os especialistas em seguro (involuntariamente) contradizem os engenheiros de segurança. Enquanto estes últimos diagnosticam risco zero, os primeiros decidem: impossível de ser segurado. Especialistas são anulados ou depositos por especialistas de áreas opostas. Políticos encontram resistência de grupo de cidadãos, e a gerencia industrial encontra boicote de consumidores organizados e politicamente motivados. Finalmente, até os setores poluidores (por exemplo, a indústria química, no caso de poluição marítima) devem enfrentar a resistência dos setores afetados (neste caso, a indústria da pesca e os setores que vivem do turismo litorâneo). Estes poluidores podem ser questionados pelos outros setores, controlados e talvez até corrigidos (BECK, 1997, p.22).

Não podemos estar seguros de nada porque todos os conhecimentos são mutáveis e instáveis, podem ser reformulados ou até mesmo anulados. Sendo assim, na sociedade da modernidade reflexiva “a confiança pressupõe consciência das circunstâncias de risco, o que não ocorre com a crença” (GIDDENS, 1991, p.38). Não sabemos ao certo se o planeta aquece ou esfria e o que nos é apresentado como verdade em um dado momento pode ser inviabilizado em pouco tempo, como exemplifica tão bem Anthony Giddens:

algumas descobertas são, em determinadas épocas, muito bem estabelecidas e é sensato seguí-las; por exemplo, deixar de fumar quase certamente reduz a chance de se contrair uma série específica de enfermidades sérias. Mas, apenas quarenta anos atrás, muitos médicos recomendavam o fumo como um meio de aumentar o relaxamento mental e corporal (GIDDENS, 1997, p.109).

Estamos todos perdidos no carro de Jagrená, o controle e a segurança de que dispomos são relativos e a liberdade almejada e finalmente conquistada revela por fim nossa impotência frente às escolhas. Por sermos responsáveis por nossas derrotas e vitórias que de forma alguma são definitivas nos buscamos constantemente em novas alternativas, em novos exemplos e receitas de vida, dispersas em vitrines como roupas a comprar. Estamos incompletos, perdidos e acima de tudo sozinhos, porque embora a globalização tenha conectado a todos, diluindo as fronteiras, as ansiedades vivenciadas possam ser semelhantes e problemas como a degradação do meio ambiente provocada pelo impacto do industrialismo, tenham

8 Metáfora utilizada por Anthony Giddens para referir-se à modernidade: “uma máquina em movimento de enorme potência que, coletivamente como seres humanos, podemos guiar até certo ponto mas que também ameaça escapar de nosso controle e poderia se espatifar. O carro de Jagrená esmaga os que lhes resistem, e embora ele às vezes pareça ter um rumo determinado, há momentos em que ele guina erráticamente para direções que não podemos prever. A viagem não é de modo algum inteiramente desagradável ou sem recompensas; ela pode com frequência ser estimulante e dotada de esperançosas antecipações. Mas, até onde durarem as instituições da modernidade, nunca seremos capazes de controlar completamente nem o caminho nem o ritmo da viagem. E nunca seremos capazes de nos sentir inteiramente seguros, porque o terreno por onde viajamos está repleto de riscos de alta-consequência. Sentimentos de segurança ontológica e ansiedade existencial podem coexistir em ambivalência. O carro de Jagrená da modernidade não é uma peça inteirica, e aqui a imagem falha, da mesma forma que o que se diga de um único caminho que ela percorre. Não se trata de uma maquinaria integrada, mas de uma máquina onde há um puxa-empurra tenso e contraditório de diferentes influências. Qualquer tentativa de capturar a vivência da modernidade deve partir desta visão, que deriva, em última instância, da dialética do tempo e do espaço, tal como expressa na constituição tempo-espaço das instituições modernas” (GIDDENS, 1991, p.140).
alcances globais, o coletivo cede lugar ao individual e os problemas
não podem ser somados, pois, na verdade, o que “aprendemos antes
de mais nada da companhia dos outros é que o único auxílio que ela
pode prestar é como sobreviver em nossa solidão irremovível, e que
a vida de todo mundo é cheia de riscos que devem ser enfrentados
à televisão, todos os bens selecionados pelo sistema espetacular são
também as suas armas para o reforço constante das condições de
isolamento das multidões solitárias” (DEBORD, 2003, p.25).

O espaço urbano aproximou os homens: estamos todos
sempre muito próximos, nos cruzamos constantemente nas ruas e
nos centros comerciais, nos sentamos lado a lado nas filas de espera
e nos transportes coletivos, mas essas trocas inter-humanas ao
mesmo tempo em que são numerosas são superficiais e impessoais.
Não olhamos profundamente o outro nem este nos olha. E a vida
acaba sendo observada mais detalhadamente apenas via televisão.
As relações urbanos-sociais visam à utilidade da comunicação e
as pessoas acabam por ser compreendidas, na maioria das vezes,
segundo a função que exercem para nós ajudar. Como as trocas
são rápidas, instantâneas, transitórias, a importância da aparência
é exacerbada. Despersonalizados, devemos escolher as máscaras
para usar no momentos em que largamos o uniforme do trabalho,
uma das “fantasias” mais corriqueiras. É como estranhos que nos
cruzamos com os outros, também estranhos. Não somos amigos
nem inimigos, mas passantes; e a artificialidade dessas comunicações
cotidianas faz com que o indivíduo procure com maior intensidade
uma aparência que o identifique neste contato, apenas externo,
rápido e visual, pois:

a tentação a aparecer oportunamente, a surgir concentrado e
notavelmente característico, fica muito mais próxima do indivíduo
nos breves contatos metropolitanos do que em uma atmosfera em
que a associação frequente e prolongada assegura a personalidade
uma imagem não ambígua de si mesma aos olhos dos outros
novas aventuras, amizades e amores passam a brilhar mais. Isso não quer dizer que as famílias nucleares estejam totalmente dissolvidas ou que seja impossível estabelecer relações de afeto consistentes, mas no contexto atual essas interconexões pessoais se encontram desgastadas. Tudo tende a fazer com que o indivíduo se movimente, sem fixar-se por muito tempo em determinado lugar ou situação, devido à autorreflexão constante que faz com que ele questione suas escolhas frente às inúmeras possibilidades que apontam e acenam convidativas no horizonte. Como aponta Zygmunt Bauman,

ser moderno passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de ficar parado. Movemos-nos e continuamos a nos mover não tanto pelo “adiamento da satisfação”, como sugere Max Weber, mas por causa da impossibilidade de atingir a satisfação: o horizonte de satisfação, a linha de chegada do esforço e o momento da autocongratulação tranquila movem-se rápido demais (BAUMAN, 2001, p.37).

A importância do local no contexto atual foi dissolvida pela globalização e consequentemente pelo estreitamento entre o tempo e o espaço. Estamos todos conectados e influenciados pelas leis dos mercados financeiros globais. O distante foi banido e podemos assistir a acontecimentos de qualquer parte do mundo no exato momento em que acontecem. “Não há mais ‘fronteiras naturais’ nem lugares óbvios a ocupar. Onde quer que estejamos em determinado momento, não podemos evitar de saber que poderíamos estar em outra parte, de modo que há cada vez menos razão para ficar em algum lugar específico” (BAUMAN, 1999a, p.85). Na sociedade pós-moderna o nomadismo é a alternativa, pois quando novas oportunidades esperam ansiosas em outros lugares, apagar-se ao solo é aprisionar-se.

Embora não possamos relacionar a obra de Caio a avanços tecnológicos intensificados na virada do século, como a utilização recorrente da internet estreitando ao máximo a relação tempos na comunicação10, muitos dos aspectos do contexto pós-moderno apontados pelos autores com os quais venho dialogando aqui, podem ser visualizados em sua ficção. Como apenas uma parte da construção da subjetividade é guiada pelo sujeito, o contexto é de suma importância, pois a outra parte se produz na interação com esse. No construir-se identitariamente articulamos nossa forma de ver e de sermos vistos, nosso discurso e as possibilidades discursivas de um espaço concreto e de um momento histórico específico. Como afirma Jonathan Friedman:

A constituição da identidade é um jogo perigoso e elaborado de espelhos. É uma interação tempor Es passportamento complicada entre múltiplas práticas de interação interna e externa a um indivíduo e a uma população. De forma a compreender-se esse processo constitutivo é necessário, por conseguinte, situar os espelhos no espaço e o seu movimento no tempo (FRIEDMAN Qgsd MENDES, 2002, p.532).

Ao explorar em sua narrativa um espaço que pode ser compreendido como o dos grandes centros urbanos, a literatura de Caio ilumina a sociedade massificada que ao apostar na aparência, nos rótulos e nos estereótipos, objetaíiza o sujeito em atitudes mecanizadas que anulam sua individualidade e impedem sua transcendência pessoal. Por isso, a tentativa de buscar a identidade, num tempo em que já se duvida que haja lugar para esse encontro, é marcada pela busca da diferença, pelo desmascaramento e revelação da padronização imposta que implica na construção de um sujeito despersonalizado, incapaz de expressar-se e de ser por meio de uma identidade unificada e pré-determinada, na qual nunca haverá possibilidade de despertar. É por meio do desejo de se encontrar que o caminho a ser percorrido na tentativa de atingir uma vida

---

9 Segundo Zygmunt Bauman em Modernidade Líquida: “fixar-se ao solo não é tão importante se o solo pode ser alcançado e abandonado à vontade, imediatamente ou em pouquissimo tempo” (BAUMAN, 1999, p.21).

10 É importante lembrar que embora já existissem computadores Caio só fez uso deles nos últimos anos de sua vida e em nenhum texto ou depoimento menciona comunicações virtuais, tendo o contato com os amigos sempre se dado por meio de cartas. Como coloca Antonio Maschio em depoimento a Paula Dip: “eram outros tempos, não vivíamos uma aldeia global, não tinha celular, computador, imagine, nem fax tinha” (DIP, 2009, p.62).
autêntica passa a ser vislumbro, revelando a compreensão de que como seres participantes de um fluxo contínuo de transformação nossa personalidade não pode e nunca será completa e por isso não poderemos ser definidos por símbolos imagéticos estipulados. Como dentro deste ambiente massificador, as trocas inter-humanas são rápidas, artificiais e impessoais, o indivíduo se sente deslocado em relação ao outro e não consegue estabelecer um contato que vá além dos rótulos. Ao lado do aumento no número de comunicações há também a dificuldade de articular os desejos individuais com os coletivos, já que:

- a experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia (BERMAN, 2007, p.24).

A solidão é iluminada quando fotografada em seu abandono na multidão. Em A sentença na praça XV, conto incluído em Pedras de calcula, o narrador revela a superficialidade das relações estabelecidas entre os homens na cidade, sempre veloz, cujas trocas são numerosas, mas transitórias. Habitante desse contexto, ele percebe que “não era uma personagem de ninguém, embora às vezes, mais por comodismo ou para não sentir-se desamparado como obra de autor anônimo, quisesse achar que sim” (ABREU, 2007, p.74). No entanto, como “o mundo subjetivo que constitui a identidade da personalidade individual só pode ser sustentado por meio da troca intersubjetiva” (BAUMAN, 1999b, p.212), ele acaba revelando a necessidade que sente de ser compreendido, de que a alguém o perceba além do visual (quando visto) e entenda sua luta diária além da insignificância de ser apenas mais um. É por isso que quando a irritação não era muita, conseguia olhar para os lados pensando que dentro das corridas, dos gritos e dos cheiros havia como olhos que não precisavam se olhar para que uma silenciosa voz coletiva repeisse, olha, venci mais um (ABREU, 2007, p.74).

FORSTER, G. S.; LENZ, V. L.

Sentia vontade de confessar “para qualquer alguém, olh venci mais um” (ABREU, 2007, p.74) como se somente assim aqueles dias corridos e repetitivos, comuns a todos, pudessem fazer sentido, preenchendo o vazio com a cupididade. Mas às vezes havia a chuvado, aumentando a distância, e o medo de ser contaminado, qu havia doenças soltas na cidade “(estafilococos, miasmas, meningite) (ABREU, 2007, p.75) e “as latas sujas transbordantes de lixo e cães sarmentos e os pivetes pedindo um-cruzeirinho-para-minha mãe-entrevada, mãos crispadas na bolsa” (ABREU, 2007, p.75). E então ele responde negativamente quando pergunta: “alguer compreenderia”, que ele “tentava dar outra orientação ao cansaço despolitizado e à dor seca nas costas” (ABREU, 2007, p.75). Sua personalidade perde o valor quando incluída nessa massa informe Porém, a partir do momento no qual “inesperadamente” ela aparece e afunda “os dedos no seu cabelo, coçando-lhe a cabeça como fazia antigamente” (ABREU, 2007, p.75) e eles se sentam num bar para tomar um chope, tanto o narrador quanto este outro personagem começam a caracterizar-se lentamente, revelando dessa forma que por trás das máscaras frias e intransponíveis que se esbarram umas nas outras todos os dias, evitando-se, estão escondidas um portões de especificidades: gostos, ideias, ideias, sonhos, esperanças dores, lembranças, cansaço, medo e solidão. Bosh, Klimt, Mário, de Andrade, Clarice Lispector, Sartre, Simone e Camus; aulas de metafísica, marcas de cigarro, passeatas contra a ditadura, cabelo canindo, gola preta role e maneiras específicas de falar; análise, uma espécie de amor falso entre eles, um pôster de Marilyn Monroe amarelado, Maya cantando que eu não largo o cigarro e flashbacks dos dois “deitados na grama e o barulho do rio limpo, naquele tempo” (ABREU, 2007, p.79). Estas são apenas algumas das características que vão aparecendo aos poucos e personalizando os personagens revelando fatos de sua vida, de seu comportamento e de suas afinidades artísticas, que compõem o caminho trilhado, juntos ou separados, suas escolhas.
Neste conto, o ficcional é mencionado na ficção11; não como reflexão sobre o processo de escrita, mas como indicação irónica de que a luz só recai sobre o indivíduo através da criação artística, neste caso seja ela literária ou cinematográfica, como se o homem fosse construído pela expressão estética e não o seu produtor. Nas ruas, na realidade crua e nua, seguimos todos anônimos, como os personagens sem nome de Caio, porém sem a focalização. Por meio desse jogo em que a ficção ilumina a vida e a vida emerge da ficção, seu personagem surge como mais um entre nós e ele descobre no final que “quem sabe estava apenas nos bastidores ou na plateia ao invés de no picadouro, como se fosse apenas um leitor e não uma personagem nem de Tânia Faillace12 nem de ninguém” (ABREU, 2007, p.80). Quando a outra vai embora, ele volta a sua condição inicial — de solitário habitante da metrópole — e o conto acaba; com a sua compreensão de que disperso na multidão não lhe abraça nenhum olhar que o privilegie. O encontro entre os dois não muda o rumo de suas vidas, mas indica que nesse contexto, a “comunicação e o diálogo se tornam necessidades críticas e também fontes fundamentais de deleite. Num mundo em que os significados se dissolvem no ar, essas experiências estão entre as poucas fontes de sentido com que podemos contar” (BERMAN, 2007, p.15).

FORSTER, G. S.; LENZ, V. L.

Muitas vezes há um conflito latente nos personagens, esticado até um limite extremo de tensão, em que eles se mostram indecisos entre aquilo que trazem inscrito em si e a forma como devem apresentar-se e compreender-se, catalogados no ambiente externo, o que fica visível em Itinerário, conto incluído em Inventário do ir-remediável13. De repente, o narrador-personagem mergulha em si mesmo e se encontra sozinho “dentro do parque, dentro do bairro, dentro da cidade, dentro do estado, dentro do país, dentro do continente, dentro do hemisfério, do planeta, do sistema solar, da galáxia” (ABREU, 2005a, p.61). “De repente. Com a mesma intensidade” (ABREU, 2005a, p.61) está dentro de si. Mas é tão vasto estar dentro de si, suas paredes se dissolvem e ele passa a anexar no interior o externo. Como nas filosofias orientais14, tudo aparece entrelaçado, a visão mecanicista de mundo dividido e consequentemente de ego isolado se desmancha, o universo aparece como cosmos orgânico e dinâmico e o personagem deixa de ser uma parte somando o que é separado para fazer parte, em comunhão. Mas a sensação logo se esvanece e ele volta a habitar maya, reconhecendo:

11 Desde o início do conto o narrador-personagem entrelaça a série da vida real com o do discurso narrativo: é um personagem e deseja fazer parte desta categoria literária, embora afirme que isto não acontece. Além disso, o discurso narrativo é atravessado em alguns trechos por recursos recorrentes no código imaginético fílmico, como os cortes e os flashbacks, mencionados explicitamente pelo narrador que também indica em determinado momento uma alteração na trama, caso ela estivesse sendo filmada e não “vivida”: “ele pensou que se fosse cinema agora poderia haver um flash_back que mostrasse os dois no chuveiro recitando Clarice Lispector, para te mudar e para soprar a fuma de que eu não te das mais, meu amor, já que tenho que te dizer” (ABREU, 2007, p.78).
12 Acredito que o narrador mencione a escritora e jornalista gaúcha Tânia Faillace pela presença do intimismo e do coitado da vida urbana em sua literatura, aspectos também comuns à literatura de Caio e que aparecem neste conto. Por isso, o personagem poderia ser um daqueles da escritora, embora insista em dizer que não é um personagem, nem dela, nem de ninguém.
13 O nº das páginas citadas aqui são as do livro Caio 3D — o essencial da década de 1970, no qual está incluído Inventário do ir-remediável.
14 “A característica mais importante da visão oriental de mundo — poder-se-ia mesmo dizer, a essência dessa visão — é a consciência da unidade e da inter-relação de todas as coisas e eventos, a experiência de todos os fenômenos do mundo como manifestações de uma unidade básica. Todas as coisas são encaradas como partes interdependentes e inseparáveis do todo cósmico; em outras palavras, como manifestações diversas da mesma realidade última. As tradições orientais referem-se constantemente a essa realidade última, indivisível, que se manifesta em todas as formas e da qual todas as coisas são partes componentes. Essa realidade é denominada Brahman no Hinduismo, Dharmakaya no Budismo, Tao no Taoísmo” (CAPRA, 1983, p.103).
mão onde a esmagar, esta gente para quem sou um homem no parque (ABREU, 2005a, p.61).

Ele esmagar a folha que se transforma em nada e então quase grita que não é um assassino, é somente um homem no parque, para que as pessoas o olhem e vejam o quanto é “inteiramente normal trivial banal e até vulgar” (ABREU, 2005a, p.61) dentro do “terno escuro, antiquado” (ABREU, 2005a, p.61). Precisa ser reconhecido através da aparência que encerra, porque não consegue identificar-se de outra forma, está tão aprisionado na recorrente mediatazização de imagens da sociedade do esquetáculo que permitir-se-ir além dos rótulos impostos é pisar em solo inseguro, porque fértil — crescendo e ultrapassando as barreiras fixadas; desafinado o tom uníssono das vozes coletivas. O que foge disto o assusta e não conseguindo romper samsara, configura-se pelo externo e a realidade é o que “aparece-ser”. Sendo assim revela:

preciso que tomem consciência do meu ser e preciso eu mesmo tomar consciência do que sou e do que significa nesta brecha de tempo. Por isso único os olhos e, subindo-os desde o bico dos sapatos, vistório todo o conjunto que forma o meu ser em exposição. Calça, casaco, chapéu — eu sou um homem no parque Novamente quase grita porque a realidade de repente oscila, ameaçando quebrar-se em fatias que ferem. Apoiado em minha segurança que se revela precária, eu luto (ABREU, 2005a, p.62).


FORSTER, G. S.; LENZ, V. L.

Seria preciso abdicar do meu ser cotidiano, construído em longo labor. Seria preciso abdicar de minha segurança, e eu a acumulava em paciência, em tédio, mas a fizer forte, e se agora perícita é por quais todos nós temos o nosso momento de queda. E este é o m (ABREU, 2005a, p.63).

Através de suas palavras o personagem ilumina o fato e que no contexto da modernidade reflexiva, a identidade está sempre por se fazer e que a satisfação ou seu contrário depende unicamente do indivíduo, mas que “viver diariamente com o risco de auto reprovação e auto-desprezo não é fácil” (BAUMAN, 2001, p.48) Por isso, está sempre em luta: seu “ser-se parte em dois. Um que foge, outro que aceita. O que aceita diz: ‘não’” (ABREU, 2005a, p.63). Aprisionado, não conseguindo romper com a representação de si mesmo, por fim, após ser esticado tensamente entretanto a essência e a aparência, despensa apoia-se nos cabides individuais15, voltando de si para o que em si é padronizado; voltando para casa, onde “minha mulher, há filhos, há trabalho, há a prestação da televisão que passar um banque-bangue legal” (ABREU, 2005a, p.64) que ele gosta; e poltrona e o cachimbo e o jornal ao lado:

tudo tão simples. Já vi mil vezes cenas iguais em filmes e livros revistas. Tanto e tanto que dúvida delas. Mas dúvida faz escoceçar.
E no fundo, depois do longo deslizar, no fundo é úmido e frio apesar da chama. Faz-se necessário testar, apalpar as massas que recusam definições. Faz-se necessário avançar. Mas tudo impede o avanço. E dói (ABREU, 2005a, p.64).

Nesse contexto em que a situação de nossa vida parece depender unicamente de nós, os problemas dos outros nos aparecem como se também fossem as suas escolhas e os olhamos com indiferença, seja no “‘ao vivo’” da TV ou das ruas. A diminuição cada

15 Segundo Zygmunt Bauman em Modernidade Líquida, nesse contexto no qual o indivíduo constrói constantemente sua identidade surge o medo de reprovar-se e de ser reprovado, por isso há “demaia por cabides individuais onde os indivíduos atemorizados possam pendurar coletiva, ainda que brevemente, seus temores individuais” (BAUMAN, 2002, p.48).
vez mais acentuada do humano nas metrópoles tem a sua face mais aterrorizante nas situações de violência, que tanto em representações ficcionais nos textos de Caio como nos de Rubem Fonseca, surge não apenas das esferas consideradas como marginais, mas pode emergir do interior de qualquer indivíduo, passando imperceptível aos nossos olhos e tornando-se por isso mesmo, impune. O conto Creme de alface, incluído na coletânea Ovelhas Negras, é um bom exemplo desse lado sombrio encontrado nas grandes cidades, como já identificou o autor — CFA:


o lixo das ruas e o roxo das olheiras tão fundas, mas tão fundas pensou acariciando o rosto enquanto um dedo dele entrava mais fundo, tão fundas que resolveu, eu mereço, danem-se os creditários, custe o que custar saindo daqui vou comprar imediatamente um creme de alface (ABREU, 2002, p.133).

A violência é um dos aspectos presentes nas grandes cidades, mas há também e muitas vezes ao seu lado, o egoísmo, a indiferença, a ausência de laços afetivos e principalmente, a solidão. Os personagens de Caio Fernando Abreu geralmente são solitários e buscam constantemente no outro um porto, lugar de contato capaz de completar o vazio que sentem, carreira profunda e aberta pelos grandes centros urbanos, nos quais há um grande número de trocas artificiais entre seres moldados superficialmente. Quase nunca há encontros, como ocorre nos contos Sob o céu de Saigon ou Os sobreviventes. Mas algumas raras vezes há e é brilhante, como pode ser verificado no conto Aqueles dois, incluído em Morangos Mofados e

16 Note que este conto foge da regra: nele o protagonista executa a violência e não a sofre ou testemunha, como é comum nos contos de CFA.

17 A preocupação ecológica é uma temática presente em alguns textos ficcionais de Caio F.
no qual “num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra” (ABREU, 1987, p.132). Neste, Raul e Saul se conhecem no trabalho e aos poucos se tornam íntimos. Se encontram e se completam, embora sejam despedidos por esta relação, que o chefe sem saber de nada, que “nada havia ainda acontecido” (ABREU, 1987, p.141) e nem acontece no conto de forma concreta e explícita, julga ser “anormal e ostensiva” (ABREU, 1987, p.141), “desavergonhada aberração” (ABREU, 1987, p.141). Eles são despedidos, mas saem vitoriosos, posto que aqueles que observavam a partida da janela tiveram a sensação de que nunca mais seriam felizes. Ao construírem uma relação de amor e de amizade num contexto em que esses laços se esvaneçam no ar, indicam a possibilidade de pintar com novas cores o que insiste em permanecer escuro. Um encontro, em meio à violência, a ausência, o vazio, a solidão das grandes cidades. Um encontro, que ainda há.

REFERÊNCIAS


FORSTER, G. S.; LENZ, V. L.


